© Thiago Foresti, 2026
Todos os direitos desta edição reservados à Editora Labrador.

Editora responsável Pamela J. Oliveira
Editoras assistentes Leticia Oliveira, Vanessa Nagayoshi
Direção de arte e capa Amanda Chagas
Projeto gráfico Vinicius Torquato
Diagramação Heloisa D'Auria
Preparação de texto Jéssica H. Furtado
Revisão Mariana Cardoso
Ilustração de capa Renato Moll

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari - CRB-8/9852

Foresti, Thiago

GringoZ / Thiago Foresti.
São Paulo : Labrador, 2026.
240 p.

ISBN 978-65-5044-431-0

1. Ficção brasileira 2. Horror I. Título

26-3288 CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira

Labrador
Diretor-geral Daniel Pinsky
Rua Dr. José Elias, 520, sala 1
Alto da Lapa | 05083-030 | São Paulo | SP
contato@editoralabrador.com.br | (11) 3641-7446
editoralabrador.com.br

A reprodução de qualquer parte desta obra é ilegal e configura uma apropriação indevida dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor. A editora não é responsável pelo conteúdo deste livro.
Esta é uma obra de ficção construída sobre um episódio histórico real. Fordlândia existiu, assim como boa parte dos acontecimentos que este livro evoca. Os personagens e as situações narradas, porém, são invenção do autor. Os atos, diálogos e opiniões atribuídos a figuras públicas reais são inteiramente ficcionais e não descrevem condutas, declarações ou fatos verdadeiros. Qualquer semelhança entre os personagens fictícios e pessoas vivas ou mortas será mera coincidência.

PRÓLOGO

Samuel caminhava de sandálias, com sua espingarda cartucheira, seguido por Faísca, seu fiel vira-lata caramelo. Esse era o momento sagrado que se repetia toda segunda-feira de manhã, quando o agente administrativo de Aveiro tirava um tempinho dos seus afazeres para caçar o que comeria durante toda a semana.

Com o cigarro de palha no canto da boca e o olhar atento, ele procurava por uma paca, por uma cutia ou, se tivesse sorte, por uma queixada, sua carne favorita. Seus ouvidos captaram o farfalhar da mata e pedaços de galhos cedendo ao peso de algo vivo. Faísca ficou em posição de espera enquanto Samuel ajustou a rota e seguiu, quase flutuando sobre a serrapilheira.

Suas narinas sentiram um cheiro estranho: uma carniça fedida, azeda. Talvez algum bicho estivesse se alimentando; quem sabe um caititu ou uma onça. Samuel não gostava de atirar em onças, mas, se por acaso alguma desse o azar de cruzar seu caminho, o destino dela estaria selado dentro da cartucheira.

Com a mira em riste, ele continuou avançando pela floresta. Mas, para sua surpresa, o que avistou não era um

bicho. Era um homem. Um homem de costas, voltado para uma seringueira.

— Dia, seu moço — disse Samuel, abaixando a mira da arma —, o senhor me assustou...

O homem não se virou após sua fala. Nem demonstrou qualquer reação. Samuel reparou que o desconhecido usava uma roupa muito estranha: uma espécie de uniforme cáqui que ele só havia visto antes em filmes de guerra na TV.

— Bom dia! O senhor está me ouvindo?

Nada, nenhum movimento. Samuel deu uma longa tragada no cigarro de palha, soltou fumaça e olhou para Faísca, que apenas abanou o rabo. Ele jogou a bagana no chão e foi se aproximando lentamente daquele ser estranho. À medida que o fazia, percebeu que o cheiro forte de carniça vinha do homem. Sua pele estava podre, com uma coloração arroxeada, e tinha feridas tão grandes e profundas que parecia impossível que estivesse ali, de pé e vivo.

— Égua, homem! O senhor tá bem? Precisa de ajuda?

Nada, nenhuma resposta. Samuel se aproximou e mexeu no ombro do homem.

— Ei, amigo. Quer que eu chame ajuda?

Nada.

Samuel ficou mais impressionado do que assustado. O agente administrativo era um homem experiente, na casa dos seus quarenta e poucos anos. Já havia andado muito pela Amazônia, presenciado toda sorte de violência e brutalidade com o corpo humano, mas o que lhe causava estranheza era ver aquele homem daquele jeito, e de pé. Será que estava mesmo vivo? Quando chegou bem perto, percebeu que ele respirava. Era uma respiração curta, um chiado molhado, em um pulmão viscoso.

O homem tinha ferramentas de seringueiro: uma faca pendurada na cintura e uma mochila pequena feita de lona

de algodão. A árvore à frente dele estava riscada e a seiva branca escorria, pingando pacientemente em direção à cuia.

— Égua, Faísca. Já tinha visto um seringueiro assim? Que coisa estranha.

O cachorro rodopiou sobre o próprio corpo. Ele estava agitado com o cheiro da carniça e com o desconforto do seu dono. Começou a latir. Latiu muito e chegou a morder a canela daquele homem misterioso, que não reagiu.

Samuel afastou o cachorro, coçou a cabeça, espantou alguns mosquitos com seu chapéu e decidiu acender outro cigarro. Ele sentou-se ao lado da seringueira e acariciou Faísca, tentando acalmá-lo. Em tantos anos caminhando na mata, nunca vira algo tão sem cabimento. Geralmente a floresta reservava algumas surpresas, mas, de certa forma, obedeciam a uma lógica natural. Uma cobra, uma onça, uma tempestade... Mas aquilo era algo que nunca tinha sequer ouvido falar.

— Será que é assombração? — disse, olhando para o cachorro.

O frescor da manhã já dava lugar à mata abafada pelo calor. O tempo para caçar havia passado e Samuel decidiu abrir sua matula. O cheiro de charque e farinha se misturou com a carniça. Ele começou a comer calmamente, observando a seiva da seringueira cair e encher a cuia daquele ser bizarro.

Depois de devorar o almoço e dividir uma parte com Faísca, ele se levantou e começou a mexer nos bolsos e na mochila do homem. Achou um canivete, um conjunto de pregos, um martelinho, uma biqueira... mas o que mais chamou sua atenção foi um passaporte estadunidense.

— Arre égua, esse homem nem daqui é, Faísca.

Ao abrir o documento, ele viu a foto de um rosto jovem, muito provavelmente daquele mesmo homem antes de ser

desconfigurado. Seu nome era William Lockwood, tinha vinte e seis anos e era natural de Minnesota.

Samuel guardou o passaporte no bolso.

Quando a cuia estava prestes a transbordar de látex, finalmente houve uma reação. Com movimentos desarticulados, mais próximos do trabalho da natureza do que da vontade humana, ele pegou o objeto e saiu andando com passos trôpegos pela mata.

Samuel foi atrás.

Andaram por alguns metros, a estranha figura na frente, deixando escorrer o látex por onde passava. Samuel e Faísca logo atrás.

O homem misteriosamente parou e começou a se contorcer, como se sentisse alguma dor.

— Valha-me, minha Nossa Senhora de Nazaré. Cê tá bem, homi de Deus? Quer ajuda?

O homem não respondeu. Ele se contorceu mais um pouco e começou a soltar um ruído misterioso por suas cordas vocais necrosadas:

— Mig Momei… Mig Momei…

E então se virou para Samuel e avançou sobre ele.

Um grito forte e agudo ecoou antes de ser engolido pela floresta.

Tudo o que sobrou de ruído era o latido feroz de Faísca e o som rugoso de uma garganta viscosa e podre:

— Mig Momei… Mig Momei…

CAPÍTULO 1

Fragmentos de vida e ferrugem

Diana gostava de entrar naquele galpão abandonado. No começo, quando ela e o irmão chegaram à vila de Fordlândia, o passatempo da garota era atirar pedras contra as vidraças, mas, com o passar do tempo, perdeu o interesse em depredar. Começou apenas a ficar lá, parada, curtindo a atmosfera decadente em meio ao cheiro de ferrugem e mofo.

— O que tá olhando? — disse de forma severa, encarando Davi.

— Nada — respondeu o irmão, desviando o olhar para o chão.

A jovem levantou os olhos, e a luz revelou olheiras que nunca sumiam. A magreza de seu rosto fazia dela um fantasma daquilo que um dia fora. Para Davi, Diana sempre parecera maior que a vida; mas agora ela cabia inteira naquele canto escuro e sujo.

— Não fica me olhando, não. Vai fazer outra coisa.

O garoto levantou e começou a andar pelo galpão, segurando a sacola de compras. Ele odiava aquele lugar. Por que

a irmã fazia questão de sempre parar ali quando estavam voltando do mercado?

Davi sabia que precisava ficar de olho nela. Era um pedido do pai, que não gostava que ela andasse sozinha. Diana já tinha tentado fugir algumas vezes. Não que a presença do garoto pudesse interromper os ímpetos de fuga dela. Quando isso acontecia, não havia quem a segurasse. Mas, pelo menos, ele podia indicar para onde ela tinha corrido.

Davi caminhou entre máquinas enferrujadas e empoeiradas e parou em frente a uma placa enorme: "Ford Motor Company".

— Se contar pro pai que nem da outra vez, você vai se ver comigo! — gritou Diana enquanto enrolava sua erva em um papel fino.

Davi balançou a cabeça.

— Isso não vai te ajudar, Didi.

Diana guardou o isqueiro no bolso da calça e soltou uma nuvem de fumaça que se espalhou pelo ar úmido e quente do galpão.

— Alguém te perguntou alguma coisa? — A pergunta veio com um fio de voz entre tosses nervosas.

Davi balançou a cabeça mais uma vez, sentou-se e tirou um livro pequeno do bolso para esperar o ritual da irmã. Os olhos de Diana se comprimiam e ela sentia o tempo desacelerar.

As sombras do galpão pareciam dançar ao ritmo das batidas do seu coração; o ar quente e abafado ganhava um peso diferente, quase tátil. As bordas do mundo, antes duras e rigorosas, tornaram-se suaves e embaçadas. Sua dor se diluía na fumaça que saía dos seus pulmões, e, ainda que por um instante, ela encontrou um alívio fugaz na confusão dos sentidos.

No caminho para casa, Diana andava devagar, com passos arrastados, enquanto Davi olhava para cima angustiado, vendo o céu se fechar sobre suas cabeças. O garoto tentou acelerar, se ofereceu para carregar as sacolas da irmã, mas Diana não respondeu e continuou em marcha lenta.

Quando finalmente cruzaram a porteira do sítio, a chuva desabou em gotas densas. Pacheco, sob a varanda da casa, com as mãos afundadas nos bolsos da calça surrada, observou os filhos correrem encharcados. O pai testemunhou, com o rosto aflito, o saco de leite explodir no chão após um leve tropeço da filha.

— Aqui está a comida — murmurou ela ao passar por ele, jogando no chão o saco de pão molhado, amarrotado e embebido do leite estourado.

— Diana... — começou Pacheco.

— Não, pai... — disse a garota, batendo a porta de seu quarto e abafando qualquer resposta.

Davi permaneceu parado na sala, segurando a respiração, sem saber se deveria dizer algo. O silêncio estava se tornando uma constante.

Pacheco suspirou, a mão pesada pousou no ombro do filho.

— Vai tomar banho, garoto. Vamos jantar.

Naquele momento, ele sabia o que vinha pela frente: uma noite longa, com vozes abafadas, choro escondido e, talvez, se tivessem sorte, uma manhã na qual a filha não parecesse tão partida.

O bar do Moa

Claude balançava dentro de uma picape enquanto tentava acender seu cigarro de palha. A poeira acumulada da estrada se depositava em seu rosto branco como um blush. Mas o antropólogo francês já estava habituado ao suor e à sujeira dos trópicos. Doze anos vagando pelo sul da Amazônia à caça de artefatos perdidos da civilização tapajônica haviam transformado o refinado parisiense em um explorador calejado.

O motor da F75, anunciava sua chegada ao centro de Fordlândia muito antes de qualquer sinal visual. Poucos carros passavam por aquelas bandas, e os moradores reconheciam de longe o som característico do veículo, que trazia sempre uma nuvem de poeira, carregando parte da estrada consigo.

— Olha aí, tá ouvindo? O gringo chegou! — anunciou Moa, o dono do bar Eldorado. — Irene, vá lá pegar uma cerveja gelada do jeito que ele gosta.

Claude adentrou o salão, limpando gotas de suor do pescoço com um lenço amarelado. O Eldorado era o único ponto da vila com cerveja gelada, um oásis refrescante no retorno de suas expedições. Moa, atento, já preparava a mesa favorita do cliente.

— Tarde, doutor! Sente-se, a mulher já foi buscar sua cerveja — disse Moa, passando um pano úmido em uma mesa quadrada de plástico.

O bar Eldorado era uma construção de madeira desgastada pelo tempo e pela umidade amazônica. Um ventilador de teto girava preguiçosamente, movendo o ar quente e denso, enquanto alguns móveis exibiam marcas deixadas pelas lamparinas que iluminavam o local antes da chegada da

luz elétrica. Era um lugar onde o tempo parecia se arrastar, embalado pelo zumbido persistente dos insetos e pelo chiado errante do rádio que teimava em sintonizar apenas quando bem entendia.

Claude acenou com a cabeça, acendeu um cigarro e, ao expirar a fumaça, notou a presença de duas pessoas no bar. Era raro encontrar clientes por ali; ainda mais desconhecidos.

Eles estavam sentados em uma mesa próxima, diante de cinco garrafas vazias. O primeiro era roliço, com cabelo e pele oleosos, uma aparência de fritura ambulante. O segundo, uma figura ainda mais peculiar, era muito magro, usava regata e faltava-lhe o braço direito.

Ambos mantinham os olhos fixos no francês, esperando algum tipo de contato. Claude sabia reconhecer figuras como aquelas — personagens endêmicos da Amazônia, que pareciam se multiplicar, com leves variações, em todo canto.

— Boa tarde, doutor! — saudou o mais gordo, levantando o copo americano vazio. — Eu sou Pedro Baleiro, e esse aqui é meu amigo, João Cotoco. Será que vossa magnificência poderia pagar uma rodada para nós?

Claude tragou o cigarro com calma e respondeu com franqueza:

— Hoje não. Não tive um bom dia.

Pedro Baleiro abriu um sorriso amarelo e tentou uma abordagem diferente:

— Que pena, doutor. Mas saiba que nada é melhor para um dia ruim do que compartilhar a vida em ótima companhia.

Claude soltou a fumaça, ignorando o comentário.

Baleiro insistiu, estendendo o copo novamente:

— Nem umazinha, doutor? Só um copinho?

O francês negou mais uma vez. Ele já estava acostumado com aquele tipo de abordagem. Aqueles homens

eram inofensivos. Se os ignorasse, provavelmente seria deixado em paz logo, logo. Mas, antes que pudesse finalizar o cigarro, o outro sujeito, o que não tinha o braço, fez uma proposta inusitada:

— Eu te desafio para uma partida de sinuca! — disse, apontando o beiço para uma mesa esbagaçada no canto do bar.

Claude esmagou a bituca no cinzeiro e observou, com curiosidade, a figura de João Cotoco.

Pedro Baleiro sentiu na hora o interesse do estrangeiro e se levantou como um felino que examina a presa.

— Olha só, doutor. Se o senhor ganhar do meu amigo Cotoco, quem paga uma rodada sou eu! Eu lhe garanto!

O francês soltou uma gargalhada. Ele sabia que, caso aceitasse o desafio, mesmo vencendo, seria ele a pagar a bebida. Já estava no Brasil tempo o suficiente para conhecer aquele tipo de malandro. Iriam fazer amizade, bater papo e depois implorariam por uma rodada de cerveja... *Bon, tant pis* — ele gostava de jogar sinuca. Além do mais, a cena de Cotoco, com seu único braço, desafiando-o para uma partida, era um episódio que talvez valesse vivenciar.

— *Voilà*... Está bem. Vamos jogar.

Baleiro soltou uma risada alta e rouca, gargalhando e engasgando ao mesmo tempo e, num gesto descuidado, quase fez o amigo franzino perder o equilíbrio quando lhe deu um tapa desajeitado nas costas. Claude levantou-se, escolheu um taco com calma e acenou:

— Pode começar.

João Cotoco sacou com elegância um paninho do bolso e colocou-o com cuidado na borda da mesa. Na sequência, ajeitou o taco sobre o lenço e, com um movimento certeiro, estourou as bolas na mesa com uma força surpreendente. A primeira jogada resultou em duas bolas pares encaçapadas.

O olhar de indiferença do francês se dissolveu em assombro. Cotoco, sem perder tempo, continuou jogando, dominando as tacadas com grande habilidade. Triangulações, bolas curvas, jogadas ousadas. Uma a uma, as bolas pares desapareceram nas caçapas, até sobrar apenas a bola oito. Um silêncio quase reverente tomou conta do bar.

Quando a última bola foi encaçapada, Claude ainda não havia tido sequer a chance de demonstrar seu talento no bilhar. Pedro Baleiro vibrou, soltando sua risada engasgada e abraçando até quase esmagar o amigo magrelo.

— Desce nossa rodada aí, Moa! Hoje é por conta do nosso doutor gringo aqui!

A mulher de Moa se aproximou do marido com a garrafa gelada e falou baixinho:

— Por que você não avisou ele?

— Tá doida? Pra eu ser o único a passar por isso?

A rádio *Gazeta de Fordlândia*

Próximo ao bar Eldorado, havia outra importante instituição que mexia com a rotina da cidade: a rádio *Gazeta de Fordlândia*, que era menos um veículo de comunicação formal e mais uma rede de intrigas transmitida por ondas curtas. Ecoando fofocas com exagero e brilho, a emissora era o palco perfeito para o carismático Haroldo Vargas, que, com sua voz grave e seu talento para o improviso, dominava o ar com seu charme caótico.

— Aqui o rio corre, e a rádio não para! É a *Gazeta de Fordlândia* levando você na correnteza das notícias! — dizia, começando mais uma transmissão.

Haroldo, empresário e locutor, tinha um magnetismo inegável. Apesar de mal ter completado o primeiro grau e não

saber redigir uma frase simples sem cometer pelo menos três erros gramaticais, ele tinha um talento nato para capturar a atenção dos ouvintes.

O radialista também tinha uma aparência peculiar, que fazia jus ao caos que ele personificava: era um homem magro, de pele parda, bigode e longos cabelos cacheados num *mullet*. O traço mais marcante, porém, era a grande janela que tinha nos dentes da frente, algo que exibia sem o menor constrangimento enquanto gargalhava no microfone do estúdio. Essa peculiaridade fisionômica fazia da rádio o lugar perfeito para ele — afinal, as ondas sonoras carregavam apenas sua melhor qualidade: a voz. De forma irônica, ganhou dos amigos mais próximos o apelido de "galã de radionovela", uma alcunha que ele carregava com orgulho. Chegou a transformar uma versão desse apelido em um dos seus principais bordões:

— Direto das margens do Tapajós, aqui é Haroldo Vargas, o galã da sua imaginação! — dizia antes de colocar o sucesso do momento.

Ao seu lado, mantendo a engrenagem enferrujada da emissora em funcionamento, estava Bené, seu jovem e leal assistente. Bené era um garoto negro, baixinho, nascido na periferia de Santarém, que havia aprendido na unha as nuances operacionais da edição de áudio e da organização de um programa radiofônico. Se Haroldo era o coração e a voz da rádio *Gazeta*, Bené era o cérebro.

— Cadê a vinheta do programa, Bené? — perguntou Haroldo em tom exaltado, ainda ao vivo.

Do outro lado do vidro, Bené gesticulava angustiado para ele apertar o botão próximo ao microfone. A vinheta entrou no ar com atraso, como sempre, mas isso era só mais um pretexto para a improvisação de Haroldo.

— E essa foi a nossa pausa dramática, queridos ouvintes! Da terra das seringueiras para os seus ouvidos, porque aqui a floresta tem voz e nome: Haroldo Vargas, o galã da vossa imaginação!

Bené sabia do talento único de Haroldo para transformar caos em carisma, mas o garoto tinha essa sensação constante de estar sempre segurando um rojão prestes a explodir. Naquele dia, um dos programas mais aguardados era uma entrevista com seu Braga, o farmacêutico local, que havia anunciado sua candidatura à prefeitura de Aveiro. Haroldo, em sua sabedoria midiática, sabia que polêmica dava audiência, e seu Braga, que era uma verdadeira personalidade na minúscula Fordlândia, fornecia ótima matéria-prima.

— Meu caro amigo Braga, o seu recente anúncio de tornar-se prefeito aqui do município de Aveiro pegou a todos de surpresa. Mas a pergunta é: como você pretende trazer mudanças para Fordlândia? — Haroldo o indagou ao vivo, com um tom teatral.

Do outro lado da linha, a voz de seu Braga veio abafada e grave:

— Meu caro Haroldo, Fordlândia precisa de respeito e desenvolvimento. Eu pretendo propor o desmembramento do distrito e...

De repente, um ruído horrível invadiu a transmissão. Bené correu para ajustar os cabos velhos que teimavam em soltar do transmissor, fazendo o sinal se perder na vastidão da floresta. Haroldo, com a calma de quem sabia trabalhar no caos, disse:

— Ah, meus caros ouvintes, parece que a linha está sendo interceptada por aqueles que não querem que Fordlândia prospere. Mas, aqui na *Gazeta*, a verdade sempre prevalece! Continue, seu Braga... Alô... Seu Braga?

Enquanto Bené suava para consertar a interferência, Haroldo se levantava e mexia sem critério nos fios do microfone e do transmissor, balbuciando teorias improváveis de sabotagem. Bené odiava essa cena recorrente, ainda mais porque, invariavelmente, no meio do caos, Haroldo olhava através do vidro do estúdio com seu sorriso lacunoso e fazia o sinal clássico de "pega um cafezinho pra mim". Era o ritual de sempre: Haroldo brilhava no palco sonoro, enquanto Bené segurava os destroços técnicos com muita fita adesiva e paciência.

Após desistir de resgatar o sinal de seu Braga, Haroldo resolveu mudar de assunto.

— E já faz dois dias que nosso querido Samuel simplesmente desapareceu na floresta. O que terá acontecido ao nosso tão querido agente administrativo? Terá ele cansado de Fordlândia? Fugido para Aveiro para nunca mais voltar? Arrumado uma amante? Mistério no ar.

Bené entrou no estúdio com a xícara de café do Haroldo.

— Obrigado, meu querido Bené, meu querido assistente, que sempre me traz o cafezinho gostoso da tarde. E agora, em homenagem a você, meu querido, uma notícia que promete mudar os rumos de Fordlândia. Em breve, vamos dar as boas-vindas ao nosso novo padre! Sim, depois de quase uma década sem um líder espiritual, o senhor Merval Echio está vindo diretamente de Belém do Pará, enviado pela Arquidiocese Metropolitana...

Depois das transmissões, o radialista sempre reclamava com Bené. A resposta do garoto era a mesma, culpando os equipamentos antigos. Mas, naquele dia, Haroldo o surpreendeu.

— Pois saiba, Bené, que encomendei um conector novo. Vai vir direto de Santarém! Em poucos dias, nós seremos uma rádio moderna, meu garoto.

Os olhos de Bené brilharam.

— Um conector novo? De verdade, chefe? A gente vai finalmente se livrar dessa geringonça?

— Em breve estaremos transmitindo em FM, você vai ver!

A Expresso Tapajônica

A melhor maneira de chegar ou sair de Fordlândia sempre foi pelo rio Tapajós. Dois barcos atracavam na vila todos os dias: um às dez da manhã, rumo a Santarém, e outro às quatro da tarde, com destino a Itaituba. No entanto, a maioria dos passageiros simplesmente preferia admirar a enorme placa estilizada com os dizeres "Bem-vindo à Fordlândia" do conforto das embarcações. Era raro alguém descer naquela vila fantasma cheia de galpões abandonados, ruínas de ferro, madeira e concreto, agora corroídas pelo tempo e pela implacável umidade amazônica.

A Expresso Tapajônica tinha que manter um funcionário em Fordlândia. Esse papel cabia à Janira, que vestia seu colete amarelo com o orgulho dos que exercem ofícios imprescindíveis. Duas vezes ao dia, ela se posicionava no cais com um talão de bilhetes, uma caixinha de dinheiro trocado e um isopor repleto de "chopp de fruta". Os paraenses chamam assim o dindim, ou sacolé, um alívio gelado e refrescante em meio ao calor amazônico.

Janira chegava sem pressa. Montava sua cadeirinha de praia e estendia o guarda-sol no cais de madeira, que rangia sob o peso do tempo e também do seu corpo. Na maior parte do tempo, sua clientela eram as moscas, atraídas pelos chopps. Era um jogo que ela inventara: atraí-las e abatê-las com um tabefe certeiro. Ao final do dia, contava as vítimas para tentar superar o recorde da véspera.

Naquela tarde, enquanto saboreava um chopp de cupuaçu, percebeu duas figuras se aproximando no cais: Pedro Baleiro e João Cotoco. O primeiro, com seu chapéu de palha desbotado e furado, tirou-o da cabeça em cumprimento.

— Tarde, dona menina — saudou-a com um sorriso maroto.

— Tarde — respondeu Janira, levantando o olhar, sem entusiasmo.

— Quantas hoje? — perguntou ele, apontando para a caixinha onde as moscas jaziam mortas.

— Poucas. A chuva de ontem espantou a maioria. Acho que hoje o recorde fica pra amanhã — respondeu, lambuzando-se com o chopp.

— Aposto que meu amigo João Cotoco mata moscas mais rápido que ocê.

— Me erra, satanás. Eu não aposto mais com esse homi aí, não — retrucou Janira, rindo — Só levei prejuízo.

Os dois amigos compraram bilhetes para o barco das quatro da tarde e se acomodaram no cais para esperar. Baleiro e Janira ficaram mais próximos; Cotoco, mais distante, em silêncio, como gostava de ficar. O papo entre o viajante e a bilheteira fluiu como o rio à frente. Entre risos e histórias, Janira descobriu que a dupla estava na cidade de passagem e que eram viajantes sem destino, do tipo que se viram a cada dia para descolar o almoço e o jantar. Deduziu, então, que eles viviam aplicando pequenos golpes nas pessoas por meio da figura de Cotoco. Mas o próprio Baleiro fez questão de corrigir:

— Golpes não... apostas! Aposta quem quer, né?

A bilheteira riu um pouco constrangida.

— Tá certo, tá certo.

O barco das quatro da tarde não apareceu.

Baleiro ajeitou o chapéu e perguntou:

— Será que deu algum problema?

— Nunca atrasaram tanto — respondeu Janira, franzindo o cenho.

Eles ficaram em silêncio por um momento, ouvindo apenas o correr das águas.

O sol já se deitava quando Baleiro comentou:

— É... vamos ter que pousar mais um dia aqui, né, meu amigo Cotoco?

Os dois se despediram e saíram caminhando pelo cais, mas Janira ficou lá, olhando admirada a curva do rio.

Algo estava fora do lugar. Isso nunca havia acontecido antes.

A Vila Americana

A Vila Americana era uma espécie de reduto que parecia flutuar sobre o caos e a decadência do resto de Fordlândia. Das suas calçadas ladeadas de mangueiras e palmeiras, podia-se avistar o rio Tapajós serpenteando com seu volume descomunal de água, enquanto a floresta amazônica desenhava seus contornos como uma enorme barreira verde.

Construído durante o auge da Companhia Ford, esse lugar representava um pedaço do sonho estadunidense plantado no coração da selva. As casas, de arquitetura simétrica e com amplos alpendres, lembravam as residências dos subúrbios dos anos 1930 nos Estados Unidos. Mas o tempo, aliado à umidade da região, cobrava seu preço: pintura desgastada, mofo, telhas quebradas e o mato insistente que brotava nas fendas. Mesmo assim, aquele era um lugar de distinta nobreza na abandonada Fordlândia.

Dona Celeste era a soberana não oficial de lá. Sua casa, a maior da Vila Americana, ficava no topo exato do morro,

colocando a geografia do lugar a serviço do seu status social. Ela herdara a residência de seu avô, um dos poucos brasileiros a ascender na hierarquia da Companhia Ford, e transformara o espaço em uma extensão de sua própria devoção. Crucifixos decoravam cada parede e santos dourados brilhavam nas prateleiras de mogno.

Quando o último padre abandonou Fordlândia sem aviso prévio, Celeste assumiu o comando espiritual da vila. Ela nunca celebrou cerimônias dentro da igreja, construída pelos americanos e localizada na parte principal da vila, pois, para isso, teria precisado arrombar as portas da edificação, o que, na sua concepção, era um pecado mortal. Mas ela desenvolvera a sua liderança por meio de oratórias em pequenos grupos, até expandir sua influência com missas improvisadas na sala de sua casa.

À medida que tomou gosto e o negócio foi dando certo — ela arrebanhava cada dia mais e mais seguidores —, passou a misturar um latim improvisado aos salmos e rezas, que soavam convincente para seus fiéis. Além do idioma, ela também corrompia as escrituras; ela as moldava conforme sua própria conveniência.

Apesar da aura de serenidade que cultivava, Celeste não conseguia esconder por completo a ansiedade com a chegada do novo padre. No fundo, ela sabia que tinha mais a perder do que a ganhar com essa situação, mas isso era algo que não admitia nem para si mesma. Em público, sua ansiedade era maquiada com um mantra que vivia repetindo: "É uma bênção que finalmente teremos nosso padre".

— Bom dia, como vai dona Celeste? — cumprimentou-a seu Braga, aproximando-se da casa da beata, com um sorriso tão falso que lhe gastava energia para manter no rosto.

— Melhor impossível, seu Braga — respondeu ela, levantando-se com um gesto delicado. — É uma bênção que finalmente teremos nosso padre. Deus ouviu nossas preces. O senhor sabe que é amanhã que chega vossa reverência, né? Aliás, foi por isso que chamei o senhor aqui. Com o sumiço do Samuel, eu fiquei sem saber a quem recorrer para resolver coisas administrativas do município.

— Pois não, dona Celeste. Realmente é muito estranho o sumiço de Samuel. Mas do que a senhora precisa exatamente?

— Farei uma recepção apropriada para o padre. Um homem santo como ele merece uma acolhida especial. Aliás, o senhor poderia contribuir com alguns remédios para a ocasional febre ou o cansaço que o calor amazônico pode trazer? É claro que seria uma doação em nome de Deus.

Seu Braga apertou os lábios, tentando esconder a irritação. Ele odiava dar remédios aos outros, mas sabia que não poderia recusar; afinal, ele tinha planos de seguir na carreira política. Seria muito ruim indispôr-se com uma parte importante do eleitorado.

— Claro, dona Celeste. Providenciarei tudo até amanhã. É só isso?

— Eu gostaria de saber como serão as tratativas mais práticas. Imagino que o Samuel tenha as chaves da igreja, não? Eu estou muito preocupada com o desenrolar das atividades, seu Braga.

— Pois é. Isso infelizmente eu não sei, dona Celeste. Teremos que aguardar. — O farmacêutico falou, mas em seguida parou e pensou que poderia fazer melhor. — Quer saber? Eu vou ligar para a prefeitura de Aveiro para informar sobre o sumiço do agente administrativo. Creio que eles ainda não sabem disso. E pode deixar que farei a doação dos medicamentos.

Ela sorriu satisfeita, mas seus olhos examinaram o farmacêutico tentando ler sua alma.

— Deus proverá, seu Braga. Deus proverá.

O saco de pancadas de Diana

Diana chutava o saco de pancadas com raiva. O impacto seco ecoava pelo quintal, misturando-se à sua respiração ofegante e aos sons da noite amazônica: o canto distante dos sapos, o zumbido insistente dos insetos e o farfalhar misterioso da mata. O suor escorria pelo rosto enquanto ela ajustava a posição e acertava outro chute, tentando lembrar o ritmo das aulas de Muay Thai que fazia quando moravam em São Paulo. Naquela época, antes de começarem suas crises, as sessões no ringue eram um refúgio, um lugar onde o caos dentro dela encontrava a ordem.

Davi a observava de longe, sentado no chão com um de seus livros, aberto. Ao seu lado, uma pilha enorme organizada por gêneros de ficção. Ele erguia os olhos da página para a irmã. A força com que ela golpeava era hipnótica.

Fazia muito tempo que ele e o pai não a viam assim, tão focada, tão... conectada.

Davi fechou o livro e foi até a cozinha pegar um copo de água. Ao lado do pai, que lavava a louça, ele perguntou:

— Quando foi a última vez que você viu ela treinar?

— Faz muito tempo... É a primeira vez que ela usa esse saco desde que chegou.

Eles haviam se acostumado a ver Diana largada no quarto, fumando às escondidas ou encarando o teto. O tempo era algo que ele precisava apenas suportar. Era um tipo novo de fuga, que consideravam um pouco melhor do que sua antiga

mania de simplesmente sumir. Ainda assim, desde a mudança para a Amazônia, ela já havia fugido duas vezes. Precisaram empreender buscas no mato, pois a garota simplesmente decidira desaparecer. Em São Paulo, onde moravam antes, isso era mais comum: Diana sumia por dias, mas acabava sempre encontrada pela polícia.

Por isso, a cena dela chutando aquele saco de pancadas era um grande alívio.

— Ela devia voltar a treinar de verdade — arriscou Davi. — Isso era muito bom pra ela.

Pacheco assentiu, embora soubesse que seria difícil isso acontecer. A prática do esporte estava, de certa forma, ligada ao profundo trauma que ela carregava. Mas, ainda assim, ele mantinha uma ponta de esperança. Se Diana encontrasse forças para superar, talvez seu plano não tivesse sido tão ruim, afinal. A mudança para aquele lugar isolado na Amazônia era a última cartada de um pai desesperado que assistia, impotente, à filha se afundar cada vez mais no uso de substâncias. Ele só não fazia ideia de que aquele terreno, que pertencia a seu avô e era uma herança distante, fosse algo tão remoto e abandonado. Seu objetivo era proporcionar um pouco de isolamento para a filha, mas, ao chegar em Fordlândia, ele percebeu que havia exagerado na dose.

Davi foi arrastado pelas circunstâncias, mas encontrava nos livros uma fuga para a realidade. Desde os primeiros surtos da irmã, ele sabia que a família iria colidir com algo muito ruim. E, no fundo, acreditava que a ida até aquele recôndito amazônico era só mais uma etapa na trajetória do desastre. De um lado, Diana se fiava nas drogas que havia trazido, mas que já estavam no fim. Do outro, o pai se apoiava no arsenal de remédios psiquiátricos que fora orientado a administrar à filha, mas que também estavam se esgotando. Era essa a

estrada que Davi enxergava com clareza, mas preferia se perder nas páginas de seus livros.

No quintal, Diana parou por um instante para ajeitar a fita que protegia seus tornozelos. A respiração estava ofegante, mas os olhos brilhavam. Algo parecia estar funcionando dentro dela.

— Vai luxar o pé se continuar assim — gritou Davi.

— E daí? — ela respondeu sem olhar. — O pé é meu ou é seu?

Dentro da casa, Pacheco sorriu. Aquilo era típico de Diana. Sempre confrontando os outros, sempre se recusando a ceder. Ele estava feliz em vê-la daquele jeito, reagindo. Diana era uma garota difícil de entender. Sempre oscilando entre mil ideias, mil sensações. Seu mundo era um grande quebra-cabeça que ela insistia em montar forçando peças que não encaixavam. A intuição dela era afiada, mas nem sempre era ouvida. Às vezes, parecia que ela estava apenas tentando encontrar alguma nova obsessão para afastar seus fantasmas. Pacheco, que havia passado anos como policial em São Paulo, conhecia bem o peso de carregar fantasmas. A cidade grande o havia moldado, mas também o exaurido, deixando marcas que ele tinha dificuldade de apagar.

Diana parou ofegante, tirou as luvas e as largou no chão. Então, foi até a varanda, sentou-se nos degraus, olhando para o céu estrelado, e acendeu um cigarro.

Pacheco saiu da casa e se encostou na porta.

— Parece que você ainda tem jeito pra coisa. Devia praticar mais. — Tentou soar casual, mas havia uma ponta de orgulho na voz.

— E ficar todo dia repetindo esses mesmos movimentos? Sem um instrutor, eu não tenho como avançar. — Ela soltou a fumaça, encarando o pai de relance com um pouco de raiva.

— E esses movimentos repetitivos? — disse, apontando para o cigarro entre os dedos dela. — Até quando vai continuar treinando seus pulmões? — O tom era meio brincalhão.

Diana pensou em uma resposta e riu, mas, antes que pudesse falar, a luz se apagou.

O quintal mergulhou na escuridão e os sons da floresta se tornaram ainda mais altos e ameaçadores.

— Ótimo — murmurou Diana, levantando-se com o cigarro preso entre os dedos. — Agora estamos oficialmente no meio do nada. Sem luz, sem nada. Parabéns, pai. Sua ideia de nos trazer pra esse fim de mundo foi realmente brilhante.

Seu Braga: a esperança de Fordlândia

Naquela mesma noite, seu Braga discursava exaltado no evento de lançamento de sua candidatura. O farmacêutico, com o rosto avermelhado e os gestos largos, estava em frente a uma plateia de vinte pessoas e, aos gritos, atacava a atual gestão:

— Dizem que somos uma cidade fantasma, que aqui em Fordlândia não mora ninguém! Mas nós estamos aqui! Nós existimos! Nós resistimos ao tempo, resistimos ao descaso e merecemos respeito!

A plateia respondeu com aplausos, embora o vigor do discurso superasse em muito a reação do público.

Uma audiência de vinte pessoas poderia parecer modesta para um lançamento de candidatura, mas, considerando-se que a vila de Fordlândia contava com pouco mais de mil habitantes, uma porcentagem considerável da população estava presente. Contudo, essa conta sequer passou pela cabeça de seu Braga. Ele imaginava um público maior, e a pretensão ficou evidente no excesso de cadeiras vazias e na

fartura de comida que seria servida ao final. O ressentimento transbordava em sua fala:

— E as pessoas, em vez de se interessarem por política e pelo futuro da cidade, preferem ficar em casa vendo novela! Nós, cidadãos de bem, precisamos nos unir contra o atraso, contra a preguiça, contra tudo isso que está aí! E é por isso que eu, o Braga da Farmácia, coloco meu nome para disputar a Prefeitura de Aveiro! Vamos ter, na sede do município, o primeiro prefeito daqui, de Fordlândia! Vou batalhar para trazer recursos para o nosso distrito e, caso encontre resistência, vou propor o desmembramento da cidade, tornando Fordlândia um município autônomo! Independente!

Dos presentes, pelo menos doze estavam mais interessadas no "boca-livre" do que na razão principal do evento. Entre os famintos, estavam Pedro Baleiro e João Cotoco, que, horas antes, percebendo a movimentação em frente à farmácia, sentiram o aroma vindo das panelas e resolveram se aproximar.

— Bora, Cotoco, aqui promete.

A dupla se sentou nas cadeiras de plástico vazias e escutou pacientemente a fala do candidato. Ao final, Pedro Baleiro aplaudiu com entusiasmo, enquanto João Cotoco preencheu o ambiente com um potente assovio de dedo duplo. Os dois, sozinhos, fizeram barulho por dez e ajudaram a animar os demais.

Mas Braga ficou com a sensação de que o evento havia sido um fracasso. Na hora de servir o jantar, ele conversava com Haroldo, o radialista, que tentava convencê-lo do contrário:

— De maneira alguma, seu Braga! O evento foi um triunfo! Este é só o primeiro passo nesta longa jornada!

— Meu caro amigo jornalista, está evidente que aqui em Fordlândia reina a cultura da preguiça. Um evento importante como este atrair um público tão reduzido…

— Vamos mudar isso, seu Braga. Quando o senhor for eleito, Fordlândia vai entrar em um novo ciclo de prosperidade!

Enquanto isso, Baleiro e Cotoco já estavam na fila de novo, arrancando sorrisos dos que estavam próximos. Pedro Baleiro, o mais tagarela da dupla, exclamava frases como: "Pai d'égua! Deus sabe o que faz!", "E se aquele barco tivesse chegado, hein, Cotoco?", "Essa hora a gente tava passando era fome lá em Itaituba", "Deus é bom, Cotoco. Deus é bom".

Se prestasse atenção nos detalhes, seu Braga teria muito a agradecer pela presença daquela dupla exótica no evento. Além de preencherem as cadeiras vazias e tornarem o discurso mais grandioso com os aplausos e assovios, ainda ajudaram a garantir a redução das sobras de comida nas panelas, deixando menos evidentes as pretensões megalomaníacas do farmacêutico.

Mas seu Braga era um homem ressentido e, ao perceber que os penetras já se serviam pela quarta vez, com Baleiro falando alto, rindo e soltando farofa pela boca, desabafou com Haroldo:

— Olhe só esses mortos de fome! A maioria só vem aqui para comer. Eu fico furioso é com o atraso desse nosso povo, meu caro Haroldo. Que gente mesquinha!

Diferentemente de seu Braga, que herdara casa, dinheiro e título, Haroldo tinha origens humildes. Em outra época, talvez fosse ele quem estivesse ali, filando boia. Mas o comentário do farmacêutico, que poderia ofendê-lo, estranhamente não o incomodou. Pelo contrário, sentiu-se importante, legitimado com a confidência de seu Braga. Aquela amizade lhe dava a certeza de que agora pertencia a outro estrato social:

— Tem razão, seu Braga. São uns vermes, uns mortos de fome.

E, quase imediatamente após dizer essa frase, a luz acabou.

Todos na escuridão.

A interrupção da caixa de som, que tocava um baião, deu lugar a gritinhos e risadas.

Cotoco e Baleiro aproveitaram para encher os bolsos e sacolas de comida.

Seu Braga, por sua vez, pegou a deixa para reiniciar o discurso sobre o abandono da região:

— Vejam isso! Vejam só esse completo descaso, meus amigos... Fordlândia merece isso?

Entre esperanças perdidas e cerâmicas tapajônicas

Naquela noite, Claude observava atentamente, com uma lupa, as cavidades de uma cerâmica tapajônica, dentro de seu pequeno quarto na Pousada da Flor. O casarão antigo, herança da Companhia Ford, carregava uma aura contraditória: de um lado, a imponência da arquitetura estadunidense; de outro, a decoração cafona de dona Flor, que exagerava nas estampas de flores tropicais, nas cortinas de miçangas coloridas e nas luminárias de papel em formato de tucanos e araras. Mas pouco importava o gosto estético de dona Flor. Em Fordlândia, ou você se hospedava ali, ou se hospedava ali. Não havia outro lugar.

Sem camisa, com suor escorrendo pela pele, Claude tentava se concentrar em meio à sinfonia desconcertante do ambiente: o ventilador de pás desalinhadas, os insetos zunindo no seu ouvido, sapos, macacos e, ao fundo, os gritos distantes do comício do seu Braga. Ele anotava meticulosamente as características da cerâmica, até que a luz do quarto piscou e apagou de vez.

— *Putain!* — xingou o francês, enquanto o escuro engolia os detalhes que ele tanto lutava para captar.

Tateando pela mesa, um baque seco o fez congelar. Um pedaço da cerâmica, tão antiga quanto preciosa, se espatifou no chão.

— *Merde, merde!* — murmurava, agachando-se para recolher os cacos como quem tenta juntar as próprias esperanças.

Finalmente, encontrou a lanterna. Um feixe de luz pairou sobre os destroços e a bagunça em sua mesa de trabalho. Claude suspirou, derrotado.

Três meses em Fordlândia haviam passado como uma lenta erosão. Sua pesquisa, financiada por um consórcio europeu formado por homens de bolsos gordos e paciência magra, parecia uma luta inglória contra o tempo e a ignorância. Todos os dias, ele passava por sítios arqueológicos destruídos por pastagens, estradas e construções. O Brasil, para ele, era um país que parecia ter muita pressa, mas não sabia direito para onde queria ir.

Ele desabou na cama, o corpo cansado e os pensamentos melancólicos. Sem ventilador, os mosquitos fariam a festa com seu sangue encharcado de cevada e nicotina. Mas, por ora, o silêncio inesperado da noite era um consolo amargo.

Lá fora, o comício de seu Braga parecia ter se dispersado, mas, antes que pudesse apreciar a calmaria, o sono tomou o antropólogo.

A hora da novela

Tonico, um homem baixinho e corpulento, estava recostado em sua velha poltrona, os pés esticados sobre uma banqueta que rangia a cada movimento. Na tela da TV, Tonho da Lua

batia na própria cabeça durante a exibição de *Mulheres de areia*. Tonico adorava novelas, e aquela em especial estava muito boa. "Essa Ruth é boazinha demais", pensava, enquanto mexia no maço de cigarros ao lado.

A TV era seu refúgio, uma ponte entre ele e o mundo que parecia existir em outra dimensão, longe das intrigas e dos perigos que o haviam levado até Fordlândia. Aquela vila era perfeita para ele — isolada, esquecida e com uma infraestrutura que mal se mantinha de pé. Ele, que chegara ali com um baú cheio de ouro e um passado sombrio, havia encontrado em Fordlândia o paraíso.

Então, no meio da cena, a luz piscou, a televisão saiu do ar com um chiado agudo, e tudo mergulhou na escuridão. Ele suspirou, sem se levantar de imediato.

— Égua! De novo? Essa porra desse gerador dessa cidade... — reclamou. Não era a primeira vez, e certamente não seria a última.

Tonico levantou-se estalando seus ossos velhos. Ele tinha um gerador próprio, que havia comprado de um comerciante em Santarém.

Depois de girar a manivela, o aparelho rugiu, lançando luz pela casa.

Ele correu de volta para ver a conclusão do episódio, mas tudo o que encontrou foi estática. O som estridente que a chiadeira do aparelho causava tomou o ambiente e não adiantou mudar de canal.

— Mas que diabos?

Tonico pegou sua lanterna e foi para o quintal, onde a antena parabólica estava instalada. Conferiu a fiação e ajustou a antena para todos os lados possíveis, mas nada funcionou. A chiadeira continuava lá, como o prenúncio de uma má notícia.

O gerador

Ainda naquela noite, Lineu, funcionário da prefeitura de Aveiro, que costumava dormir bem cedo, acordou com o cheiro da fumaça. O trabalhador sentiu o odor primeiro e ouviu o estalo do fogo depois. Correu descalço pela trilha de terra batida até se deparar com o galpão em chamas.

O gerador comunitário, posicionado a uma distância estratégica da vila para poupar os ouvidos dos moradores, estava sendo consumido pelo fogo. As labaredas dançavam vorazmente sobre a estrutura metálica envelhecida, alimentadas por parte do diesel que escorria como um riacho inflamável.

Fordlândia não estava conectada a nenhuma rede elétrica regional. Aquele gerador era o verdadeiro coração energético da cidade. E era responsabilidade de Lineu mantê-lo funcionando, gerenciando o fluxo de diesel que chegava de Aveiro para abastecer o motor que iluminava as noites da vila.

De longe ele avistou a silhueta de três homens. Ele apertou os olhos.

— Ei! — Lineu gritou.

A última coisa que ouviu foi o zumbido de um projétil que atravessou sua cabeça.

Sem tempo pro café

Antes do sol nascer Claude já estava se espreguiçando. Picadas marcavam seu corpo como um livro em braile, mas ele ignorou a irritação da pele. Acendeu um cigarro e ficou ali, sentado de cueca na cama, assistindo ao dia nascer pela janela.

Dona Flor, por sua vez, corria de um lado para o outro, os passos ecoando pelo casarão. Quando Claude desceu, já

vestido com sua roupa prática de poliamida cáqui, encontrou a habitual cena de atraso.

— Claudinho, meu querido! Desculpa! A Cilene atrasou hoje, né, Cilene? Anda logo, menina, peça desculpas ao hóspede! O café já tá saindo, querido, já vamos servir.

Claude bufou. Ele andava sem paciência. "Sete dias", pensou. Em sete dias, estaria de volta a Paris, onde garçons eficientes e emburrados lhe trariam seu café sem gracejos, na hora que ele precisasse.

— Vai sair uma tapioquinha também. Só não tem suco porque estamos sem luz pra ligar o liquidificador.

— A luz ainda não voltou?

— Ih, meu querido... bem-vindo à Fordlândia!

Claude disse estar atrasado. Precisava partir para Arapiuns. Era um ponto estratégico em seu mapeamento arqueológico e, se perdesse a balsa das dez da manhã, seria mais um dia perdido. Flor, sempre solícita, embalou biscoitos e frutas num pote de plástico.

— Aqui, leva isso, querido. É pouco, mas dá pra tapear o estômago.

Claude pegou o embrulho de dona Flor e partiu no velho Ford F75, levantando poeira e fazendo ruídos metálicos pela estrada de chão.

A ponte

O barulho feroz do motor do ônibus escolar ecoava pela estrada de terra, causando uma revoada de pássaros. Era como se os velhos pistões gritassem em fúria por ainda estarem em funcionamento. Dentro do veículo, os passageiros sacolejavam de um lado para outro.

O ônibus da prefeitura de Aveiro fazia o trajeto diário levando as crianças e os adolescentes de Fordlândia até a sede do município, onde ficava a escola mais próxima. A pequena vila não tinha estrutura educacional, e as longas viagens, mesmo cansativas, eram a única opção para os alunos. A estrada era irregular, salpicada de crateras e ladeada pela floresta que parecia não ter fim.

Davi estava colado na janela, observando o mundo passar lá fora, distraído com as árvores altas que pareciam tocar o céu.

Diana, sentada duas fileiras à frente, também olhava para fora, mas com uma expressão distante. Seus olhos estavam fixos em um ponto invisível, perdido no horizonte. Era a primeira vez que Diana fazia esse trajeto. Ela não frequentava mais a escola, mas, naquela manhã, pegara carona no ônibus com a desculpa de "quebrar o tédio". Na verdade, a jornada tinha o propósito oculto de colocar em prática um plano que não ousava verbalizar nem para si mesma: reabastecer o seu estoque de drogas. Quem sabe, em uma cidade um pouco maior, ela conseguisse encontrar um *dealer* para chamar de seu. O pai e o irmão desconfiavam disso, mas tinham medo de que ela fizesse algo pior; que fugisse mais uma vez.

Não dava para saber. Nem mesmo Diana sabia quando iria fugir. Ao contrário do que o pai e o irmão imaginavam, ela nunca planejava suas fugas. Era um ímpeto que surgia, e

ela simplesmente o executava, sem planejamento ou premeditação. Naquele momento, não estava pensando nisso. Mas quem sabe? Se as condições fossem favoráveis...

O pai procurava manter o equilíbrio. Não queria prender a filha demais nem deixá-la solta demais. Aquela ida a Aveiro com o irmão lhe custara uma noite em claro. Se a impedisse de ir, estaria sendo autoritário. Se deixasse, poderia acabar passando dias à procura da filha, como já acontecera antes. Davi não entendeu quando Pacheco assentiu à ida da irmã. Considerou aquilo uma negligência.

O motorista, seu Osmar, pilotava como sempre: com calma, desviando-se dos buracos maiores, sem pressa. Era um sujeito troncudo, que gostava de vestir todo dia a mesma camisa desbotada. Ele tinha um olhar atento e ao mesmo tempo descontraído, e levava um sorriso constante no canto da boca, como se a estrada contasse piadas que só ele entendia. "Segura, molecada, que esse é dos grandes", dizia, volta e meia, quando estava prestes a enfiar o veículo em um buraco.

A poeira invadia o ônibus por todas as brechas possíveis. O calor lá dentro era insuportável, e ainda não eram nem sete da manhã. Os passageiros se abanavam com o que tinham à mão. Diana soltou um suspiro. Ficou com dó do irmão, que tinha que passar por isso todos os dias.

O motorista desacelerou e parou.

— O que foi agora? — Diana murmurou e, impaciente, levantou-se para tentar ver pela janela da frente.

Quando a poeira da estrada baixou, a cena diante dela ficou clara: a ponte que levava até a sede do município estava destruída.

Diana franziu a testa, tentando controlar a frustração. Davi apareceu ao seu lado, com olhar curioso.

— Que estranho, ontem a gente passou por aqui e estava inteira.

A cabeça de Diana já estava em outro lugar, calculando quantos dias de erva ainda lhe restavam.

Em meio ao falatório dos estudantes, o barulho de um motor foi ganhando volume. Era a velha caminhonete F75 de Claude.

— *Putain!* — disse, da janela, em direção a Osmar, sem sair do carro. — Alguma ideia de caminho alternativo, *mon ami*?

— Por terra só dá pra ir por aqui mesmo — respondeu o motorista, dando de ombros.

— Eu precisava pegar a balsa sentido Arapiuns.

Osmar soltou uma risada volumosa.

— Hoje você não chega lá é nunca. O melhor é voltar e pegar um barco amanhã.

Claude não respondeu. Seu olhar se perdeu no horizonte, calculando o prejuízo no cronograma de sua pesquisa.

Mais um dia de espera no rio Tapajós

Janira caminhou sem pressa pelo cais de Fordlândia, ajeitou seu banquinho, conferiu o talão de bilhetes e sentou-se para mais um dia previsivelmente monótono.

Dois vultos conhecidos apareceram no horizonte: Pedro Baleiro, com seu jeito fanfarrão, e João Cotoco, mais quieto que a própria sombra.

— Ô, dona menina, e esse barco? Vem hoje? — perguntou Baleiro, se abanando para espantar o calor.

— Tem que vir, né? — respondeu Janira com um meio sorriso.

— Tá na hora de capar o gato dessa cidade. Já tá bom de cidade fantasma, né, Cotoco? Se bem que ontem foi bom pra gente! — Cotoco deu de ombros; o silêncio dele sempre dizia muito.

Baleiro continuou:

— Teve festa do tal de Braga, sabe? O farmacêutico. Diz que ele vai entrar pro trem de política agora.

— Ah, aquele velho se acha! Quero ver quem é que vai votar nele! — provocou Janira, rindo enquanto contava seu talão de bilhetes.

— Dizem que ele tá bufunfo. Herdou uma grana boa. Parece que não sabe nem onde gastar!

— Eita... você, hein, papudinho, sabe tudo das fofocas, né? — disse Janira sem esconder o riso.

Baleiro se espreguiçou, despreocupado:

— Só sei da missa um terço, dona menina. E hoje tem chopp, não?

— Que chopp nada! Como que faz chopp sem energia? O freezer fez virar sopa!

— Eita! Perdeu foi tudo? — perguntou Baleiro, surpreso.

— Quase tudo. Salvei uns poucos, mas tá tudo aguado.

Ele riu e estendeu a mão:

— Dá aqui, que eu chupo assim mesmo!

A interação entre Baleiro e Janira era uma dança de palavras, com uma sincronia que parecia ensaiada. Quem passasse pelo cais desavisado poderia jurar que eles eram velhos amigos. Mas, na verdade, nem os nomes um do outro eles sabiam. Baleiro só chamava Janira de "dona menina", e ela só o chamava de "papudinho", apelidos carinhosos da região.

Cotoco, por outro lado, limitava-se a observar os pássaros e o rio, alheio à conversa.

Mais tarde, o som de saltos de escarpim batendo na madeira do cais anunciou a chegada de Celeste. Vestida com seu melhor traje de domingo, trazia no rosto uma expressão de divindade.

— Eita, dona Celeste, o evento hoje deve ser importante! Bom dia! — saudou Janira, com um sorriso no rosto.

— Bom dia — respondeu a beata, seca, ajustando a sombrinha.

— Vai querer passagem para Itaituba? — ofereceu Janira.

— De jeito nenhum. Estou aqui para esperar o padre Merval. Fordlândia terá um pároco novamente! — disse com ar triunfante.

— Eita, vão reabrir a igreja, é? Olha que novidade! — Janira se animou.

— Isso não é novidade para ninguém. Se frequentasse nossas missas, saberia disso há meses — rebateu Celeste.

Antes que Janira pudesse responder, Baleiro se intrometeu:

— Tá vindo morar aqui? Arre égua! Esses padres se metem em cada buraco mesmo.

Celeste lançou um olhar furioso e se afastou com um movimento brusco, indo sentar-se num banco bem mais distante, debaixo de uma figueira.

Assim que ela ficou fora de alcance, Baleiro cochichou:

— Que bichinha antipática!

— E olha que hoje ela tá de bom humor. Deve ser por causa do tal padre — Janira riu.

— Tenho é dó desse homem. Não sabe onde tá vindo amarrar seu burro.

— Ele vai é passar os dias esquentando as orelhas no confessionário.

— Mas, dona menina, você sabe o que aconteceu com o último padre?

— Nem te conto...

E, claro, Janira contou. Falou baixinho, cheia de entusiasmo, sobre o escândalo de três anos atrás, quando o padre Jonas fugira com uma viúva da cidade, provocando um alvoroço. Enquanto ela narrava, Baleiro ria alto. Mas a voz de Celeste interrompeu a história, ecoando de longe:

— Esse barco não vem, não?

— Não sei, não! — gritou Janira de volta.

— Pois deveria saber. Você não trabalha na empresa? — retrucou Celeste.

Baleiro aproveitou a deixa para debochar:

— O barco foi arrebatado, irmã! O padre subiu aos céus... glória ao Senhor! Aleluia!

Celeste levantou-se, tirou a poeira do vestido e foi embora, pisando firme, irritada, enquanto Janira cobria a boca escondendo o riso.

Quando ela já ia longe, os dois "amigos" gargalharam, fazendo graça.

Mas logo o riso morreu e tudo o que ficou foi a quietude do ar denso e úmido do Tapajós.

Os olhares se voltaram para o rio, onde nenhuma embarcação aparecia no horizonte. Apenas o som do vento dançava sobre as águas, preenchendo o vazio.

Cotoco continuava no mesmo lugar, calado, fumando, atento ao diálogo do rio com o vento.

Uma ligação importante

Seu Braga falava aos berros com o secretário de infraestrutura de Aveiro pelo telefone. O velho farmacêutico, que nunca havia sido conhecido pela delicadeza na fala, estava se tornando ainda mais ríspido desde que a cidade mergulhara no isolamento.

— O que importa aqui é resolver o problema do gerador, e rápido! Não me venha com desculpas esfarrapadas sobre orçamento ou logística! E outra, estamos também sem sinal de transmissão de TV; mesmo as parabólicas não pegam sinal, e as mulheres da cidade estão sem poder ver a novela. Isso nunca aconteceu antes! Não... já lhe disse, Samuel sumiu...

Sim, o Lineu, o funcionário que cuida do gerador, também desapareceu... Vocês precisam mandar urgentemente novos funcionários! Eu lá sei onde eles foram parar? Ninguém sabe! Esse descaso de vocês com Fordlândia é inaceitável! Ou você acha que eu sou um idiota, secretário? Porque eu não sou! Eu só consigo pensar em três motivos para você não ter encaminhado essa minha solicitação ainda: descaso, malfeito de corrupção ou preguiça!

No outro lado da linha, o secretário ouvia sem paciência. Das três opções, a acusação de preguiça era a que mais o irritava. Corrupto ele era, e disso não fazia caso. O descaso com Fordlândia... bem, isso era evidente. Mas preguiçoso? Quem era aquele farmacêuticozinho de merda para ofendê-lo assim?

"Esse velho vai ver o que é preguiça agora", pensou o secretário, antes de, por pura birra, decidir engavetar mais uma vez a solicitação de Braga.

Mas a ligação caiu.

— Alô? Alô? — repetia o farmacêutico, apertando a tecla de gancho.

Nada.

Ele bateu com o fone, irritado.

— Ah, não, agora mais essa? Gerusa! Você pagou a conta do telefone este mês?

— Paguei, sim, seu Braga — respondeu a assistente de dentro do estoque, sem esconder o tom cansado de quem vive sendo demandada.

Ele saiu da farmácia com passos firmes, o jaleco esvoaçando por cima das calças bem passadas e, sob o sol escaldante da manhã, caminhou até o único telefone público da cidade. Ao erguer o aparelho, constatou o inevitável: mudo.

— Pronto. Sem luz, sem sinal de TV e sem telefone! — resmungou, batendo o fone contra o suporte com mais força do que o necessário.

Fordlândia estava condenada pelo abandono, pela incompetência e, claro, pela preguiça. E ele? Ele era o único que ainda tentava salvar aquele pedaço esquecido do mundo; e iria até as últimas consequências para conseguir isso.

Uma visão assustadora

Era a segunda noite sem luz em Fordlândia. No céu, nuvens pesadas bloqueavam a claridade da lua cheia como um manto de chumbo. Dentro da casa da família de Pacheco, as velas lançavam sombras fantasmagóricas nas paredes e no teto. A mesa do jantar era um cenário desolador: Diana sentada com os olhos perdidos, Davi, desconectado do mundo, lendo um livro.

— Eu morri e estou no inferno — murmurou a menina, mais para si mesma do que para os outros.

Pacheco fingiu não ouvir; estava adotando a estratégia de ignorar os comentários e as provocações da filha.

Davi tentou escapar do mal-estar e levantou-se para pegar um pouco de água na cozinha, mas, ao voltar, tropeçou e derrubou tudo sobre o prato de arroz do pai.

Diana riu, um riso meio alucinado, um ruído estridente que parecia vir de um universo paralelo.

— Desastrado como sempre, né? — disse o pai, levantando-se com paciência para pegar um pano.

— Foi sem querer... — respondeu o menino, com o rosto vermelho.

— Presta mais atenção, garoto! — rosnou o pai, fazendo o menino encher os olhos de lágrimas.

Diana suspirou fundo e pegou um cigarro que havia escondido no bolso do casaco. Seus dedos tremiam levemente enquanto o acendia.

— Você vai fumar aqui dentro? — perguntou Pacheco, com um tom que misturava desaprovação e resignação.

— Olha essas velas aqui. Que diferença faz? — respondeu ela, cavando uma oportunidade de criar conflito com o pai.

Pacheco levantou-se de forma brusca e foi para a pia lavar a louça. Ele estava decidido a não ceder às provocações. Davi, incomodado pela tensão crescente, resolveu sair. Pegou sua lanterna e foi para o quintal.

Lá fora, o menino se aproximou da seringueira onde costumava pendurar seu balanço. Tentou iluminar o chão com a lanterna, mas a pilha fraca só era capaz de projetar um facho de luz moribundo.

Foi quando sentiu algo. Primeiro, um calafrio percorreu sua espinha. Depois, o barulho de algo se mexendo em uma seringueira mais ao fundo.

Davi engoliu em seco, virou-se devagar. Seu coração disparou quando avistou uma figura esguia, virada de costas para ele e vestida com um uniforme esquisito. Era uma imagem assustadora, estranhamente imóvel.

— Oi... — disse o garoto, hesitante, com a voz tão fraca quanto um sopro.

A figura não respondeu. Davi deu um passo para trás, tropeçou em uma raiz e caiu sentado no chão. A lanterna rolou para longe, deixando-o quase no escuro.

— Q-quem é você? Posso ajudar?

Nada.

A lua surgiu entre as nuvens grossas do céu e, por um breve instante, jogou uma luz prateada sobre aquele corpo estranho. Não era humano. Ou, se fosse, já havia passado

do prazo de validade. A pele parecia couro mal curtido, os olhos afundados em cavernas escuras. Um grito ardeu na garganta do garoto.

Ele saiu correndo em direção à casa, tropeçando e caindo várias vezes. Entrou pela porta como um vendaval, desabando no chão e tentando, desesperadamente, puxar ar.

— T-Tem … tem um... um zumbi lá fora! — conseguiu dizer entre chiados.

— O quê? — perguntou Pacheco, franzindo o cenho.

— Um zumbi! Eu vi! Tava na seringueira!

Diana e o pai trocaram olhares. Pronto, era só o que faltava... o garoto enlouquecera?

— Você precisa parar de ler essas porcarias, moleque! — provocou a irmã. — Vai acabar tendo que tomar remedinho que nem eu.

Mas Davi não estava bem. Sua respiração e seu olhar demonstravam que alguma coisa acontecera lá fora.

Pacheco pegou uma lanterna e foi até o armário buscar seu revólver.

— Eu vou lá ver! Vocês ficam aqui.

— Nem pensar! — disse Diana, apagando o cigarro e pegando o facão que o pai costumava usar para limpar o mato no quintal. — Eu vou com você.

Juntos, os três saíram em direção à seringueira. Davi ainda tinha um chiado forte na respiração ofegante. A lanterna iluminou o chão batido, depois o tronco da árvore.

— Não tem nada aqui — disse Pacheco, abaixando a arma.

— Eu vi, pai! Eu juro que vi. Ele tava aqui! — insistiu Davi, apontando com a mão trêmula.

— Você deve ter imaginado coisas, garoto. Vem... vamos voltar para dentro.

Mas Diana ficou lá parada. Acendeu mais um cigarro e, à luz do isqueiro, reparou algumas marcas no tronco da

árvore, seiva fresca escorria por riscos feitos no tronco. Com o isqueiro, ela iluminou o chão e viu que o látex marcava uma trilha no solo.

Ela seguiu o rastro por alguns metros, olhou para o chão e viu uma corrente prateada perto da cerca. Parecia uma dessas plaquetas de identificação de filmes de guerra.

Sob a luz pálida do seu isqueiro, leu em voz alta o nome gravado no metal: William Lockwood.